

O corpo em Espinosa e suas contribuições para a prática da clínica de psicologia

The body as per Spinoza and its contributions to psychological clinic

El cuerpo en Spinoza y sus contribuciones a la práctica de la clínica de psicología

Tarini Suzan Maciel Gonçalves¹

Resumo: O presente artigo consiste em mapear o conceito de corpo na filosofia de Espinosa para discutir como este conceito pode funcionar como ferramenta para as práticas clínicas. Buscamos contrapor a lógica dualista cartesiana, que, a nosso ver, contribui para a manutenção de processos de normalização e categorização frequentemente empregados nessas práticas. Para atingir tal objetivo, inicialmente foi realizado um estudo teórico, com base sobretudo nas interpretações de Deleuze acerca de Espinosa. O método empregado é o da cartografia. Os resultados obtidos revelam a eficácia desse conceito espinosista na dinâmica entre psicólogo e cliente durante o encontro clínico. A noção de corpo oferece um guia sólido para compreender o indivíduo.

Palavras-chave: Psicologia, Clínica; Espinosa.

Abstract: The present article aims to map the concept of the body in Spinoza's philosophy to discuss how this concept can function as a tool for clinical practices. We seek to counter the Cartesian dualistic logic, which, in our view, contributes to the maintenance of normalization and categorization processes often employed in these practices. To achieve this objective, a theoretical study was initially conducted, based primarily on Deleuze's interpretations of Spinoza. The method employed is cartography. The results obtained reveal the effectiveness of this Spinozist concept in the dynamics between psychologist and client during the clinical encounter. The notion of the body provides a solid guide for understanding the individual.

Keywords: Psychology, Clinical; Spinoza.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo mapear el concepto de cuerpo en la filosofía de Espinosa para discutir cómo este concepto puede funcionar como una herramienta para las prácticas clínicas. Buscamos contrarrestar la lógica dualista cartesiana, que, en nuestra opinión, contribuye a la mantenimiento de procesos de normalización y categorización a menudo empleados en estas prácticas. Para lograr este objetivo, se llevó a cabo inicialmente un estudio teórico, basado principalmente en las interpretaciones de Deleuze sobre Espinosa. El método empleado es el de la cartografía. Los resultados obtenidos revelan la eficacia de este concepto espinosista en la dinámica entre el psicólogo y el cliente durante el encuentro clínico. La noción de cuerpo proporciona una guía sólida para comprender al individuo.

Palabras clave: Psicología, Clínica; Spinoza.

Introdução

O objetivo deste artigo é discorrer sobre o conceito de corpo postulado por Espinosa (2015), para analisá-lo como uma possível ferramenta para a clínica de psicologia enquanto conceito que fundamenta a visão de indivíduo. Nossa proposta é explorar como este conceito

¹ Universidade Federal de Goiás.

pode ser útil na prática clínica, fornecendo um convite para a reflexão e experimentação de novas possibilidades de cuidado a partir da perspectiva da filosofia da diferença.

A fim de aprofundar nossa compreensão do conceito de corpo e examinar como essa compreensão influencia os comportamentos das pessoas no senso comum, é fundamental reconhecer que a história do conhecimento humano não é isenta de influências políticas, econômicas e culturais. A forma como o conhecimento é produzido, transmitido e aplicado está enraizada em um contexto histórico específico que reflete as relações de poder presentes na sociedade (DELEUZE, 1992). Como resultado, a visão predominante do corpo na atualidade é de um corpo fragmentado e distante da realidade.

No campo da psicologia, a concepção de corpo foi associada a práticas normativa e adaptativa, que possibilita o domínio da mente sobre o corpo. Essa abordagem contribui para uma disciplinaridade dos corpos que se alinha à lógica do capitalismo. Para explorar a clínica e o corpo torna-se fundamental conhecer o contexto histórico e as influências que moldaram a compreensão deste último. Com esse trajeto, destacamos o nosso objetivo: adotar uma perspectiva mais potente e desinstitucionalizadora da prática clínica a partir da filosofia da diferença de Espinosa e Deleuze.

Portanto, esse trabalho visa um fazer clínico que funcione como intercessor na produção de novas formas de existência, propondo uma prática desinstitucionalizadora, com capacidade de operar transformações para além das formas instituídas, desconstruindo os modelos de representação.

Buscamos encontrar as formas possíveis de instrumentalizar uma Clínica do Corpo, potencializadora de transformação, através de problematizações de um fazer clínico adaptativo e curativo. Como lapidar Espinosa demonstrando através de uma filosofia prática, referências que favorecem a investigação para uma possível clínica, por meio da possibilidade de interferir nos processos psicossociais a partir do corpo?

Para dar conta desta explanação, este artigo será dividido em dois subtópicos principais. O primeiro abordará a filosofia do corpo em Espinosa (2015) ao explorar as principais concepções do filósofo sobre a relação entre corpo e mente. Desse modo, será apresentada a importância dessas ideias para o entendimento do corpo na perspectiva espinosana a fim de contrapor a visão dualista cartesiana através da crítica ao pensamento de Descartes. No segundo subtópico, exploraremos a relação entre a filosofia do corpo de Espinosa e a clínica. A partir desta análise, relacionaremos os conceitos filosóficos às situações práticas da clínica, fornecendo embasamento teórico para suas intervenções e abordagens terapêuticas.

Método: A cartografia

A proposta metodológica tem como base um estudo teórico cartográfico. A metodologia cartográfica permite acompanhar processos em sua complexidade, sem restringi-los a métodos preestabelecidos ou representações fixas. A cartografia, como método processual, busca captar a riqueza dos acontecimentos sem limitá-los a categorias fixas ou a objetivos predefinidos. A intenção é descobrir um caminho no próprio pesquisar ao invés de seguir um caminho direto, sobretudo, proposto.

Além disso, o método cartográfico enfatiza a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção, o que significa que a prática clínica é também um espaço de produção de conhecimento e de aprendizado constante.

Nesse sentido a cartografia realizada foi desenvolvida com base em um estudo teórico focado nas obras de Deleuze sobre Espinosa com intercessão na prática clínica aplicada no decorrer do processo.

O corpo em Espinosa

“Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe instituir o corpo como modelo: “Não sabemos o que pode o corpo...” Deleuze responde: Uma vida! Desse modo, Espinosa (2002) nos provoca ao enunciar uma questão que levamos para clínica. Encontramos nesse enunciado a visão do corpo como aquilo que *ele pode*; isto é, uma proposta de definir o indivíduo por aquilo que o corpo dele é capaz de realizar (DELEUZE, 2019), pelas relações que este corpo consegue encontrar entre ele e o mundo, outros corpos, o ambiente, as pessoas.

Neste contexto, compreender a potência do corpo passa a ser um indicador de saúde. Essa potência é a própria capacidade do corpo de agir, pensar, fazer as coisas. Concebê-lo como tal indica reconhecer o corpo como aquilo que revela, apresenta ou denuncia os afetos; isto é, o afeto que indica os efeitos gerados por um encontro, informando se esse encontro potencializa ou despotencializa a vida. Se aumenta ou diminui a capacidade do corpo de fazer coisas. É através do corpo que sentimos, que pensamos, que agimos. Quando o corpo está em relações potencializadoras, sua capacidade de agir é aumentada, para este artigo, esse aumento de potência significa saúde.

Na obra intitulada “Ética” (2015), a segunda parte: “Da natureza e origem da mente”, Espinosa coloca a sua questão sobre o corpo como a primeira e mais importante definição do capítulo: “Por corpo entendo o modo que exprime, de maneira certa e determinada, a essência de Deus enquanto considerada como coisa extensa;” (p. 125). O autor escreve a Ética no interior de um plano de imanência tendo nessa premissa uma única substância de realidade, que ao método dos geômetras, emparelha a palavra Deus à Natureza.

Nesse sentido, o universo é composto de uma única substância que se manifesta em uma infinidade de modos; cada corpo é um desses modos, composto por diversos outros corpos/modos e sua existência depende da relação que mantém com o todo. Para Espinosa o corpo é natureza e, portanto, não é separada dela.

Espinosa (2015) difere do conceito de corpo, como matéria inerte, para ele, o corpo não é a causa das ideias tampouco as ideias são causa dos movimentos do corpo. Dessa forma, todo corpo é uma parte integrante do universo e a existência deste é determinada pela sua relação com o todo. Apropriar-se desta concepção de corpo implica afastar-se do dualismo oriundo da tradição cartesiana que se configura na base do pensamento ocidental e que sustenta a formação social da modernidade.

Espinosa rescinde com a tradição platônica que afirma que a alma é imortal ao passo que assevera a hierarquização entre mente e corpo ao compreender que não existe causalidade entre eles. Portanto, mente e corpo são modos da mesma substância, extensão e pensamento, não se opondo um ao outro.

Parece-nos importante, para dar continuidade na compreensão da obra referida acima, especificar que Espinosa (2015) distingue os conceitos de mente, de alma e de consciência. Espinosa (2015) utiliza o termo “Mentis” (p. 125) para se referir à mente e o termo “anima” (p. 125) para se referir à alma. Este último é pouco utilizado, porém, consiste em algo que confere a vida, ou seja, aquilo que torna algo inanimado em animado (no sentido de ser vivo). O termo mais utilizado por Espinosa (2015) é “Mentis”, que é traduzido como mente e engloba as capacidades emocionais, intelectuais e imaginativas. A consciência, por sua vez, é considerada por Espinosa como uma parte da mente que não se reduz a toda atividade mental. Trata-se de um dos fenômenos das atividades mentais sendo considerada pelo autor como o menos nobre - um estado menor e temporário da mente (DELEUZE, 2002).

No contexto deste artigo utilizamos a palavra "mente" como termo central para nos referirmos ao intelecto, a razão, a sensibilidade e a imaginação. Já o termo "consciência", entretanto, é restrito a uma espécie de reflexão interna, quando a mente reflete internamente

sobre sua própria existência. “Precisamente porque a consciência é reflexão da ideia” (DELEUZE, 2002, p. 67)

Nos concentramos, então, a pensar sobre o dualismo presente em Descartes e a compreender como essa perspectiva atravessa nosso entendimento sobre o corpo no senso comum. Um dos elementos fundamentais da concepção cartesiana é que ela pressupõe uma divisão radical entre corpo e mente, consideradas como entidades separadas e distintas. No texto intitulado “Discurso do Método” (2004), quando o autor afirma “penso, logo existo” (261), ele sugere que a mente é uma substância distinta do corpo (DESCARTES, 2004).

O que se percebe no texto intitulado “Meditações” (2004) é que Descartes utiliza a suspensão dos juízos como um recurso metodológico em busca de um fundamento científico. Assim, o autor apoia-se no ceticismo e na dúvida como fundamento de sua investigação científica. Sua preocupação central é estabelecer critérios de científicidade para o pensamento. Porém, ao fazer isso, Descartes restringe o conhecimento ao pensamento e à razão e ignora a importância da experiência e do corpo como fontes de conhecimento. Assim, o conhecimento confiável seria obtido apenas através da racionalidade. O pensamento, portanto, seria uma propriedade exclusiva da mente, o que significa que o corpo não teria as mesmas capacidades que a mente.

Para o filósofo holandês, portanto, não é o cérebro que pensa, “O homem pensa.” (p. 127), em sua totalidade, sobre isso ele afirma que “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo” (p. 149) e explica que a partir disso “não somente entendemos que a Mente humana é unida ao Corpo”, mas também que ninguém poderá entender adequadamente a natureza da Mente se não entender a natureza do Corpo (p. 149). Deleuze e Guattari (1992) confirmam ao revelar que “é nesse sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é a imagem do pensamento sem ser também matéria do ser” (p. 54). Assim como explicam Deleuze e Guattari (1992) “é que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa” (p. 59), o que quer dizer é que o pensamento ocorre apenas a partir do que acontece com o corpo.

Espinosa propõe pensar as leis da natureza na mesma ordem, no campo de composição de forças do real. Isso significa que, para ele, a percepção corporal afetiva permitiria uma compreensão maior da natureza à medida que a razão seria limitadora que só pode se apropriar de uma parte da realidade.

A partir desse entendimento, retornaremos a compreensão de corpo em Espinosa com o objetivo de trazer uma concepção física criada por ele para pensar o corpo no campo da realidade.

Além de Espinosa pensar um corpo que não é separado da mente, ele o faz também construindo uma ideia física de corpo como movimento e repouso de que tudo no universo é composto por corpos. Para Espinosa (2015), a substância única do universo é Deus ou a natureza que se manifesta de forma ilimitada. O corpo é composto por uma infinidade de partes que estão em constante movimento e repouso. Essa dinâmica de movimento e repouso ocorre não apenas dentro do corpo, mas também em relação ao ambiente externo, que afeta e é afetado por outros corpos. O movimento e o repouso são, portanto, elementos fundamentais dessa concepção de corpo.

Na parte II da *Ética* (2015), Espinosa explica essa concepção, mais especificamente na proposição XIII, nos axiomas I e II:

Axioma I

Todos os corpos ou se movem ou repousam.

Axioma II

Todo corpo se move ora mais lentamente, ora mais rapidamente.

Lema I

Os corpos se distinguem uns dos outros em razão do movimento e do repouso, da rapidez e da lentidão, e não em razão da substância (p. 151).

Desse modo, todo corpo é movimento e repouso, isto é, matéria viva. Para o autor, corpo é relação pura. Quando o filósofo holandês afirma que os corpos se distinguem em razão do movimento e repouso e não em razão da substância, é porque os corpos são modos da mesma substância e não substâncias distintas independentes (ESPINOSA, 2015).

Na obra intitulada “Cursos sobre Spinoza”, Deleuze (2019) afirma:

[...] Spinoza faz-se uma concepção muito extraordinária de corpo, quer dizer, uma concepção realmente cinética. Com efeito, ele definiu o corpo, cada corpo, e mais ainda, ele faz depender do movimento a individualidade do corpo. A individualidade do corpo, para ele, de cada corpo, é uma relação de velocidades e lentidões entre elementos. E eu insistia: entre elementos não formados. Por que? Já que a individualidade de um corpo é sua forma, e se nos diz que a forma do corpo – empregará ele mesmo a palavra forma neste sentido – é uma relação de velocidades e de lentidões entre seus elementos, é preciso que os elementos não tenham forma, senão, a definição não teria nenhum sentido. Então é preciso que sejam elementos materiais não formados, que não tenham forma por eles mesmos. Será sua relação de velocidades e de lentidões que constituirá a forma do corpo. Mas neles mesmos, esses elementos entre os quais se estabelecem as relações de velocidade e de

lentidão, são sem forma, não formados. Não formados e informes. [...] para ele, isso é um corpo (p. 93).

Em outras palavras, cada corpo é único em virtude das diferentes combinações e proporções de seus constituintes que determinam suas características únicas, como tamanho, forma, densidade etc. Essa individualidade é dinâmica e está sempre em movimento pois os corpos estão em constante relação uns com os outros, afetando e sendo afetados por outras velocidades e lentidões em seu ambiente. Essa perspectiva está relacionada à concepção espinosana de que cada coisa é uma expressão única da substância infinita e eterna e que a diversidade no mundo surge da combinação infinita de suas infinitas propriedades.

É importante destacar que esses elementos não têm forma própria tampouco são pré-existentes ao corpo. Os corpos são produzidos pelas relações que ocorrem entre eles, em que cada um é uma organização particular dessas relações. Segundo Espinosa, a realidade é um processo de produção contínuo em que cada corpo é um ponto de encontro e uma transformação das forças que os atravessam (DELEUZE, 2019). Deleuze (2002) contribui precisamente com o postulado de Espinosa:

Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidade e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade (DELEUZE, 2002, p. 128).

Conforme afirma Espinosa (2015), o corpo é um modo finito que é definido por extensão. A sua compreensão do corpo está profundamente ligada à concepção de que cada corpo possui um certo grau de potência para agir e ser afetado por outros corpos.

Ao levarmos essa contribuição do campo da filosofia para o campo da psicologia, percebemos que as psicologias convencionais priorizam os processos mentais conscientes, deixando de considerar a importância dos afetos, dos desejos e das sensações corporais na formação da singularidade e dos processos psicológicos. Ao adotar uma perspectiva inspirada por Espinosa, essa clínica se expande para além dos limites da consciência e reconhece o papel fundamental do corpo. Dito isso, queremos pensar o corpo na clínica para além de uma visão limitada que restringe o processo terapêutico apenas à esfera da consciência.

E isso porque a consciência é naturalmente o lugar de uma ilusão. A sua natureza é tal que ela recolhe efeitos, mas ignora as causas. [...] A ordem das causas é então uma ordem de composição e decomposição de relações que afeta infinitamente toda a natureza. Mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas os efeitos dessas composições e decomposições: sentimos *alegria* quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, [...] inversamente, sentimos *tristeza* quando um corpo ou uma ideia ameaçam nossa própria coerência. Encontramo-nos em uma tal situação que recolhemos apenas “o que acontece” ao nosso corpo, “o que acontece” à nossa alma, quer dizer, o efeito de um corpo sobre o nosso, o efeito de uma ideia sobre a nossa. Mas o que é o nosso corpo sob a sua própria relação, e a nossa alma sob a sua própria relação, e os outros corpos e outras almas ou ideias sob suas relações respectivas, e as regras segundo as quais todas essas relações se compõem e decompõe-e - nada sabemos disso tudo na ordem de nosso conhecimento e de nossa consciência. Em suma, as condições em que conhecemos as coisas e tomamos consciência de nós mesmos condenam-nos a ter apenas ideias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos distintos de suas próprias causas (DELEUZE, 2002, p. 25).

Deleuze argumenta que a consciência humana está limitada a uma visão parcial e fragmentada da realidade, incapaz de apreender a totalidade das relações e conexões subjacentes à natureza e à experiência humana. Isso nos coloca em uma posição de ignorância em relação ao funcionamento mais profundo das coisas, das outras pessoas e até de nós mesmos.

Em Espinosa (2015), às ideias inadequadas referem-se a concepções mentais que não estão em conformidade com a realidade objetiva. São ideias que surgem a partir de uma compreensão limitada ou distorcida das coisas, baseadas em percepções parciais, preconceitos, ilusões ou falsas inferências. As ideias inadequadas podem surgir devido à influência de afetos negativos, como medo, tristeza, ódio, entre outros, que afetam nossa capacidade de perceber e compreender a realidade. Elas também podem ser resultado de noções pré-concebidas, como crenças infundadas ou a falta de informação. Na proposição XXVIII e XXIX da parte II da obra intitulada “Ética”, de 1677, Espinosa afirma respectivamente: “as ideias das afecções do Corpo humano, enquanto referidas apenas à Mente humana, não são claras e distintas, mas confusas”; (p. 183) “A ideia da ideia de qualquer afecção do Corpo humano não envolve o conhecimento adequado da Mente humana” (p. 183).

No apêndice da primeira parte do livro referido, Espinosa (2015) afirma que a ordem do mundo não é a mesma ordem da consciência. A consciência trai a ordem do mundo porque coletamos apenas efeitos parciais e ideias mutiladas. Essa forma de explicação é realizada por uma faculdade mental que Espinosa chama de imaginação, e, ainda ressalta que explicar o mundo de forma imaginária não é suficiente. Do ponto de vista racional ou intelectual, o mundo

torna-se inteligível de outro modo pois o intelecto é uma faculdade humana que apreende as coisas pela ordem das causas e não pelos efeitos.

Nesse sentido, o corpo é compreendido como a própria realidade fundamental - e não como um suporte ou veículo para a consciência. A consciência, portanto, é vista como uma expressão do corpo e não como uma entidade separada. A mente também é entendida de outro modo, sendo ela uma propriedade do corpo e não mais uma substância à parte. Desse modo, os afetos seriam, consequentemente, uma manifestação direta do corpo. A tristeza, por exemplo, não seria um estado da mente transmitido ao corpo, mas sim uma modificação do próprio corpo. Em síntese, a mente é a expressão do corpo.

Corpo é mundo, portanto não está dissociado. Ele é resultado das relações em que está. O corpo é relacional, só existe em relação este não vive sem a exterioridade, como o ar que respira, a comida que consome, a relação com os objetos e outros corpos em movimento. Quando o sistema respiratório do corpo humano tem um bom encontro com o sistema de oxigênio na terra, eles conseguem se compor, aumentando a potência e capacidade de existir desse corpo, isso mostra como funciona essa relação de composição. Espinosa expande esse modo de funcionamento para todo o resto, as pessoas, os ambientes, as relações que criamos com as coisas etc. Por esse motivo, o corpo também é processo pois está em constante movimento de diferenciação (DELEUZE, 2022). Se diferencia porque cada encontro que eu tenho, que vem junto com um afeto e uma ideia, se diferencia de si mesmo, modificando-o, este é um processo contínuo.

A materialidade do corpo ocorre por intermédio dos movimentos e dos fluxos de sentido que o constituem. Passamos a considerar as manifestações do corpo como legítimas e suficientes para sua constituição, não estando a produção de si em outro lugar ou entidade que esteja separada dele. Tendo isso em vista, propomos o corpo como potente analisador dos afetos que acontecem nos encontros experimentados por ele mesmo.

Para lançar luz sobre as premissas fundamentais que norteiam nosso estudo, Deleuze (2017) afirma:

Quando Espinosa diz: nem sequer sabemos o que pode um corpo, essa fórmula é quase um grito de guerra. Ele acrescenta: falamos da consciência, do espírito, da alma, do poder, do poder da alma sobre o corpo. Tagarelamos, mas nem sequer sabemos o que pode um corpo. A tagarelice moral substitui a verdadeira filosofia (DELEUZE, 2017, p. 283).

Quando discorremos sobre o poder da alma sobre o corpo, o que queremos expressar é que a alma, em virtude de sua natureza superior e de sua finalidade específica, assume responsabilidades elevadas: ela deve orientar o corpo, fazendo-o obedecer a leis às quais ela mesma está sujeita. Em relação ao poder do corpo, este pode se manifestar como um poder de execução ou como um poder de distração, desviando a alma de suas obrigações. Todas essas ponderações são essencialmente morais. A visão moral do mundo se reflete em um princípio que permeia a maioria das teorias acerca da união entre alma e corpo: um dos dois não age sem que o outro experimente algum tipo de efeito.

Podemos entender a partir de Deleuze (2017) que o corpo por meio da sua força vital, age e se movimenta em direção aos seus desejos e necessidades, mesmo que eles não façam sentido para a consciência. Isso ocorre porque a consciência é moldada por conceitos morais, por crenças e por valores aprendidos socialmente que podem reprimir e impedir o acesso dos afetos a sua causa.

É no corpo que está a força vital, chamado por Espinosa (2015) de Conatus. Conatus é o esforço constante do corpo para se manter vivo e ativo como também para se relacionar com outros entes de forma a aumentar sua potência de agir. É uma força que está muito além do modo consciente de entender o mundo (DELEUZE, 2002). Podemos também afirmar que se trata de uma tendência natural dos corpos para perseverar na existência.

Essa força está muito além do entendimento consciente do mundo, pois está presente em todos os níveis da existência, desde o mais simples organismo até o mais complexo. O Conatus é a força que nos impulsiona a buscar o que nos faz bem e a evitar o que nos faz mal; ele está presente em todas as nossas ações, pensamentos e desejos. Em outras palavras, é a força motriz por trás da busca pela felicidade e do bem-estar, ou ainda, consiste no próprio movimento da vida. O movimento e repouso do corpo são reflexos dessa força vital (DELEUZE, 2017).

Entende-se que estar distanciado daquilo que o corpo é capaz significa um estado de desconexão, desligamento, falta de compreensão e confusão, momento em que se perde a percepção dos sinais do corpo. Essa desconexão torna-se ainda mais evidente quando existe uma potência corporal – aquilo que podemos ser - e quando coexiste com ela uma outra demanda, sendo ela externa – aquilo que devemos ser -. Essa ambiguidade molda a nossa individualidade e a relação que temos conosco (DELEUZE, 2002).

A partir da compreensão de um modo de existência rígido proveniente daquilo que é captado pela consciência. Devido a sua rigidez, ela aprisiona a natureza do indivíduo,

confinando este a um determinado modo de existir. Nesse sentido, o encerramento causado pode ser entendido como um fator de adoecimento. Torna-se relevante reconhecer a força vital do corpo como um conhecimento que emerge através do desejo. Esse conhecimento muitas vezes entra em conflito com aspectos morais oriundos da consciência. É nessa ambiguidade, entre “aquilo que podemos ser” e aquilo que devemos ser”, que encontramos uma questão relacionada à saúde.

O corpo na clínica

Espinosa (2015), em seu trabalho realizado no século XVII, não aborda diretamente a temática da clínica ou do cuidado. No entanto, a leitura deleuziana de Espinosa contribui para o desenvolvimento de abordagens éticas e filosóficas que questionam as noções convencionais de cuidado, transcendendo as perspectivas morais e normativas. Ao explorar os conceitos propostos por Deleuze (1992), tais como a imanência, a potência e a multiplicidade, podemos encontrar reflexões que se aproximam da temática do cuidado. Assim, o autor apresenta uma abordagem mais ampla e contemporânea que possibilita repensar as noções tradicionais da clínica, da ética e do cuidado à luz da filosofia de Espinosa.

Encontramos em Deleuze e Guattari (1992), uma afirmação que articulamos com a prática de cuidado na clínica. Segundo os autores “voltar-se-para não implica somente em se desviar, mas em enfrentar, voltar-se, retornar, perder-se, apagar-se” (p. 55); essa afirmativa apresenta uma ideia de cuidado através do corpo como uma forma de voltar para si e inteirar de si mesmo. Trata-se de pensar o corpo e os afetos que o atravessa como referência de um saber de si. Dessa forma, para pensar o corpo na clínica é necessário iniciar um exercício de voltar para o corpo de forma que se possa começar a confiar nele, enquanto sabedor de si pois o corpo sabe o que faz. Torna-se importante voltar para si e encontrar respostas nos afetos e nos desejos do próprio corpo, afirmando em si mesmo o próprio cuidado e buscando a autenticidade nos próprios desejos. Trata-se de não tomar o outro como referência, pois a referência mais confiável é o corpo do próprio indivíduo em causa.

Conforme indica Espinosa (2015), a produção de si se dá no corpo. Tendo isso em vista, temos como objetivo apresentar a possibilidade de construção de um trabalho clínico que pressupõe o corpo que não é separado do mundo.

Usar o conceito de corpo postulado por Espinosa é uma prática inusitada no campo da psicologia. Podemos dizer que a perspectiva filosófica empreendida no pensamento espinosano

contrapõe outras práticas psicológicas que asseguram a interpretação de algo interno e oculto, o domínio da mente sobre o corpo e até mesmo a separação entre eles. Nossa intenção é utilizar essa ferramenta teórica para questionar a normatização clínica que pensa um corpo que precisa ser controlado pela mente, como se fossem duas entidades diferentes ou contrárias.

Dessa forma, entendemos que o corpo é soberano para a clínica. Portanto, consideramos uma perspectiva clínica que valoriza o corpo como fonte primordial da vida, do conhecimento e da expressão. Não há nada que transcende o corpo.

Por essa razão, usar este conceito espinosano de corpo na clínica está assentado na investigação dos afetos como sinalizadores de saúde e de desejo em sua singularidade. Acreditamos que não há nada para ver, sobre a temática da saúde, se não entendermos o que pode e o que deseja o corpo.

Compreendemos que os encontros podem potencializar ou despotencializar a vida, mas o corpo se esforça para buscar encontros que sejam potentes (ESPINOSA, 2015). Nesse contexto, a clínica se propõe a ser um encontro transformador dos modos de vida capazes de explorar a experimentação dos afetos. Espinosa (2015) cria uma grande teoria do encontro e queremos usá-la para tratar da prática clínica.

Para Espinosa (2015), a potência é a capacidade inerente de cada coisa ou ser existente de agir e ser afetado pelo mundo ao seu redor. Nenhum indivíduo é superior ou inferior em essência, mas cada um tem sua própria singularidade e poder de ação. A potência é uma característica fundamental de todas as coisas na natureza, e cada indivíduo possui sua própria potência singular. Isso significa que tanto o psicólogo quanto o cliente têm sua própria capacidade de agir e ser afetado, suas próprias experiências, emoções e potencialidades. Isso implica admitir as diferenças como desejáveis reconhecendo a potência no outro como premissa.

Partimos então da ideia de que as relações acontecem no encontro das potências de duas ou mais partes envolvidas. Se há uma relação, significa que todas as partes possuem potência e estão ativas na interação. Na clínica, procuramos reconhecer a força vital, a capacidade de agir de cada indivíduo e respeitar a sua singularidade. Quando há uma ausência de igualdade de potência, ou seja, quando uma das partes é subjugada ou não é permitida a expressar livremente suas potências, não há uma relação possível. O encontro só é possível quando ambas as partes são reconhecidas em sua potência e quando suas capacidades de agir e ser afetado são respeitadas e consideradas. Na relação terapêutica, o psicólogo reconhece o cliente como um ser ativo, capaz de agir e ser afetado.

Nesse sentido, a ética nos convida a explorar e manifestar nossa potência de forma autêntica, respeitando a diversidade e as singularidades de cada corpo.

Pretende-se ensinar o corpo a discernir entre o que lhe faz bem e o que lhe faz mal, desenvolvendo uma percepção dos afetos. Não se trata mais de julgar o corpo ou o comportamento de acordo com valores morais e transcendentais, mas sim de compreender cada corpo em sua singularidade e potência de agir.

Considerações finais

Desafiando a visão restrita que confina o processo terapêutico à esfera consciente, propusemos uma abordagem que reconhece o corpo como um epicentro sensorial, onde o sensível é captado através dos sentidos, transcendendo a limitada compreensão da consciência. Ao afirmarmos que o corpo é mundo, rompemos com a dicotomia entre interior e exterior, reconhecendo que sua materialidade é uma manifestação intrínseca das relações que o constituem.

Reconhecemos o corpo não apenas como receptáculo de afetos, mas como guia intrínseco de si, um indicador sagaz das dinâmicas de sua composição. O convite de Espinosa para compor forças abre horizontes na prática clínica, permitindo ao psicólogo auxiliar o atendido na identificação das dinâmicas de interação que moldam sua existência.

Em consonância com Espinosa, a cartografia revela-se intrinsecamente ligada à ideia de composição. A cartografia é mais do que um simples texto; é um corpo textual, uma expressão visceral que tem gosto, incorporando aquilo que chamamos de experiência. A escrita se configura como um deslocamento de si, uma evolução da própria consciência e representação pessoal em relação às coisas. Diferentemente de textos estruturantes ou estruturados, a cartografia desafia as convenções, buscando uma expressão única e viva, que transcende as limitações de uma abordagem rígida.

Referências

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). Trad. E. A. Rocha Fragoso, F. E. Barbosa de Castro, H. R. Cardoso Júnior e J. A. de Aquino. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, G. **Espinosa e o problema da expressão**. Trad. GT Deleuze – 12. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, G. **Espinosa**: filosofia prática. Trad. D. Lins e F. Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; as paixões da alma**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Sobre a autora

Tarini Suzan Maciel Gonçalves: Psicóloga pela Fundação Educacional de Araçatuba, mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás.

E-mail: tarinipsico@gmail.com

Recebido em: 20 dez. 2023

Aprovado em: 16 mar. 2024